

NAO A VENDA
EDICÖES MORFEMA

A vontade de lhe fazer a pergunta esbarrava com o receio de a ouvir discorrer sobre a sua falta de cuidado com as coisas, coisas importantes que mereciam outra atenção. Conhecia de cor os argumentos dela e irritava-o que ela não percebesse que nada do que dissesse iria alterar aquilo que ele era. Poderia dizer-lhe que, há muitos anos, ela costumava achar graça ao seu jeito aluado, aos esquecimentos, às confusões, como se visse nessas faltas um pretexto para ser indispensável, quando, cuidadosamente, remetia ao lugar certo os nomes, os rostos e os espaços que ele desarranjava... Não sabia em que momento o encanto perante aquelas imperfeições se converteu em desencanto. Em que momento cada um deles começara aquela viragem que os levava para longe do lugar onde tinham sido felizes. Ele sabia que nada acontecera da noite para o dia. Nunca terá havido um gesto preciso a quebrar o feitiço, a anunciar o fim da peça, mas sim o peso de muitas noites e de muitos dias, o cansaço dos gestos perdidos e das palavras desencontradas. Terá sido assim, devagar, que o pano terá caído sobre o palco escurecido, como se não houvesse mais lugar à representação, e restassem apenas eles, atores decadentes remetidos ao esquecimento, a clamar por outros palcos.

“És tu, Aureliano?” E já a música se tinha exaurido, e Lídia aparecia à porta do escritório. Trazia olheiras carregadas por baixo do traço negro, a delinear-lhe os olhos, e o batom vermelho dos lábios desmaiado e ressequido.

“Viste a minha carteira?”

“Outra vez atrás da carteira?”, perguntou Lídia.

Aureliano ficou à espera das recriminações e recomendações costumadas, mas estas não se concretizaram. Aproveitou esse silêncio dela, para lhe pedir que acesse à internet e verificasse se tinha havido movimentos na conta conjunta. Não tinha havido gastos, nem levantamentos. Lídia sugeriu que fizesse o mesmo na sua conta pessoal, mas ele disse que não valia a pena. Não lhe disse porquê, mas ela sabia que ele se tinha esquecido da password.

No dia seguinte, Aureliano foi ao banco. Era sexta-feira, e não queria passar o fim-de-semana com aquela preocupação. A conta pessoal também não havia sido movimentada. Os novos cartões bancários não demorariam a chegar-lhe às mãos, o pior seria ter de fazer novos documentos de identificação: uma canseira e uma despesa.

“Espera mais uns dias. Por vezes, as carteiras roubadas acabam por aparecer, e só o dinheiro leva descaminho.” tinha-lhe dito Lídia. E essa sugestão ele aceitou, por querer que, dessa vez, ela tivesse razão, ou por preguiça de fazer diferente.

Era segunda-feira, quatro dias após o desaparecimento da carteira haviam passado, e Aureliano tinha estado desconcentrado no trabalho, a pensar que seria inútil esperar que alguma boa alma lha viesse entregar. Estava decidido a mandar fazer novos documentos.

Antes de iniciar a subida do primeiro lanço, abriu, mecanicamente, a caixa do correio. Lá dentro estava um envelope branco, sem destinatário nem remetente. Curioso,

abriu-o, continha uma folha de papel dobrada em quatro. Quando a desdobrou, seis cartões caíram aos seus pés. Pegou-lhes. Os quatro cartões de visita podiam ser de qualquer pessoa, mas os outros dois não: era o seu nome a constar no cartão do ginásio e no do sindicato. Tinha a certeza de que era material retirado da sua carteira. Restava a folha de papel. Para seu espanto, era uma carta manuscrita. Quem o faria, nos dias de hoje? A caligrafia era desconhecida, e carta vinha assinada “uma admiradora secreta à espera de se revelar”.

Aureliano leu e releu a carta. A dita admiradora mostrava regozijo por, finalmente, lhe ter caído em mãos uma oportunidade de se aproximar de alguém que há muito admirava em segredo. A carteira estava na sua posse e, não se preocupasse, em breve estaria nas mãos dele, porém, queria que a entrega fosse mais do um objeto a trocar de mãos, mas se tratasse de um momento especial que ficasse na memória de ambos. Breve lhe diria como e quando se poderiam encontrar.

À medida que mastigava aquelas palavras, os pensamentos sucediam-se em catadupa na sua mente, atropelando-se, caóticos. Quem seria? Ela afirmava que se conheciam, embora há anos não tivessem qualquer contacto. Não explicitava que espécie de relação teriam tido. Pensou em todas as namoradas que tivera. Não tinham sido assim tantas, casara cedo. Não lhe parecia possível que alguma delas pudesse ser a autora de tal missiva. As restantes relações femininas eram partilhadas com a mulher, e nunca se apercebera de qualquer afeição diferenciada por parte de

nenhuma delas. O mesmo podia afirmar quanto às colegas de trabalho. E foi depois de pensar nisso que considerou a hipótese de aquele incidente poder ser parte de uma qualquer partida engendrada por algum dos colegas do escritório. O Antunes estava fora de questão, era seu amigo, e embora o seu sentido de humor fosse conhecido, aquele tipo de brincadeira não era o género dele. Todos os outros pareciam demasiado sérios e profissionais. Contudo, já tinha convivido com alguns fora do espaço de trabalho e sabia que podiam ser diferentes. Com um copo à frente, e no ambiente certo, as coisas alteravam-se, ele próprio era outro nesses momentos. Pois bem, estaria atento.

Dois dias depois, nova missiva. Desta vez, juntamente com a folha manuscrita, vinham os seus cartões bancários. Pedia desculpa por imaginar que já não lhe servissem de nada, mas como, com certeza, já tinha percebido, a sua intenção não era prejudicá-lo. Reiterava a vontade que tinha de se encontrar com ele e confidenciava que, finalmente, tinha decidido como fazê-lo. Explicava então que estava ciente da sua situação de homem casado e não queria causar-lhe qualquer embaraço. Ela própria mantinha uma relação de muitos anos e, embora tivesse dúvidas quanto ao futuro da mesma, não queria, por enquanto, pô-la em risco. Assim, propunha um encontro na cidade vizinha, um jantar. O dito seria num restaurante onde dificilmente seriam surpreendidos, dado ser um espaço dispendioso, recomendado pelos principais guias, com estrela Michelin e tudo. O jantar estava marcado para quinta-feira, pelas vinte